

**RESENHA CRÍTICA: DAS ORGANIZAÇÕES DE DORRICO AO MOVIMENTO
ARTÍSTICO DE NEGRO: UM AMANHECER INDÍGENA FEMININO AOS
(RE)CONTOS E À HISTÓRIA DE TODOS “NÓS”**

**CRITICAL REVIEW: FROM DORRICO’S ORGANIZATIONS TO NEGRO’S
ARTISTIC MOVEMENT: A FEMININE INDIGENOUS DAWN TO THE (RE)STORIES
AND THE HISTORY OF ALL “US”**

Gabriel José Marques¹
Gleys Ially Ramos²

Resumo: A seguir, apresenta-se uma resenha crítica que transita entre a rigorosidade acadêmica e a poesia da experiência feminina na obra *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena*, publicada em 2023 pela Companhia das Letrinhas e coorganizada por Trudruá Dorrico e Mauricio Negro. Esta coletânea, que se desdobra em contos, re(contos) e ilustrações, entre ficção e não ficção, emerge como um espaço de resistência e ressignificação, onde doze autoras – Auritha Tabajara, Bruna Karipuna, Chirley Maria Pankará, Eliane Potiguara, Glicéria Tupinambá, Lidiane Damaceno Krenak, Márcia Mura, Naine Terena, Simone Karajá, Telma Taurepang, Trudruá Dorrico e Vanessa Kaingang – tecem narrativas enraizadas em cosmovisões ancestrais. Suas histórias, que dialogam com o passado, o presente e um futuro reimaginado, ultrapassam os limites do cotidiano para revelar a beleza e a complexidade de vivências coletivas. Ao privilegiar o olhar feminino, a antologia propõe uma abertura inédita à literatura indígena, instigando debates sobre gênero e o papel transformador das mulheres. Em uma síntese que é ao mesmo tempo científica e lírica, as narrativas exaltam sentimentos, saberes e uma intelectualidade que desafia os paradigmas tradicionais, convidando o leitor a repensar as origens brasileiras sob uma perspectiva comunitária e emancipatória. Essa confluência de estética e crítica reafirma o protagonismo feminino como força vital na reconfiguração dos espaços culturais e históricos do país.

Palavras-chave: Povos Originários. Literatura Indígena. Antologia Feminina. Cosmovisões Ancestrais.

Abstract: The following presents a critical review that oscillates between academic rigor and the poetic essence of the female experience in *Originárias: a Feminine Anthology of Indigenous Literature*, published in 2023 by Companhia das Letrinhas and co-organized by Trudruá Dorrico and Mauricio Negro. This collection, unfolding in stories, (re)stories, and illustrations — blurring

¹ Gabriel José Marques, coautor, é bacharelando em Relações Internacionais na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional, TO. E-mail gabrielmarquesprofissional@hotmail.com. ORCID 0009-0006-3205-3264.

² Gleys Ially Ramos, orientadora e coautora, é Professora do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional, TO. Geógrafa, mestra em Desenvolvimento Regional e Doutora em Geografia. E-mail gleys.ramos@mail.uft.edu.br. ORCID 0000-0001-6471-7172.

the lines between fiction and non-fiction — emerges as a space for resistance and re-signification, where twelve authors — Auritha Tabajara, Bruna Karipuna, Chirley Maria Pankará, Eliane Potiguara, Glicéria Tupinambá, Lidiene Damaceno Krenak, Márcia Mura, Naine Terena, Simone Karajá, Telma Taurepang, Trudruá Dorrico, and Vanessa Kaingang — weave narratives deeply rooted in ancestral worldviews. Their stories, engaging in dialogue with the past, the present, and a reimagined future, transcend the boundaries of everyday life to reveal the beauty and complexity of collective experiences. By privileging the female perspective, the anthology offers an unprecedented window into indigenous literature, igniting debates on gender and the transformative role of women. In a synthesis that is at once scientific and lyrical, the narratives exalt emotions, knowledge, and an intellectual spirit that challenges traditional paradigms, inviting readers to reconsider Brazilian origins from a communal and emancipatory perspective. This confluence of aesthetics and critique reaffirms female protagonism as a vital force in reconfiguring the nation’s cultural and historical spaces.

Keywords: Indigenous Peoples. Indigenous Literature. Feminine Anthology. Ancestral Worldviews.

Uma reconexão com as raízes da terra, afastada do “abecedário” ocidentalizado, pelas feminilidades e pelas mulheres em posse de seus corpos e histórias. *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena* é um chamado exotópico às narrativas contemporâneas.

Trudruá Dorrico, indígena *macuxi* pertencente aos povos autodenominados *Pemon*, Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e multipotencial em literatura indígena, une-se ao paulistano Mauricio Negro, formado em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), visualista em tradições e escritor, para a organização de contos e (re)contos escritos por mulheres indígenas. Esses relatos abordam nações e cosmovisões, explorando o princípio e o fim - uma dualidade que permeia o real e o fictício. O objetivo é manter viva a chama ancestral, saudando a criatividade e a liberdade de narrar histórias, mantendo-as em movimento entre o antigo e o novo.

Em uma antologia de breves narrativas, permeada por ilustrações - onde a leitura também é visual -, Trudruá Dorrico e Mauricio Negro, atuando como organizadores, reúnem as vozes de doze criadoras originárias, de norte a sul do país. Essas mulheres imaginam, como sinônimo de escrever, inspirando-se, como destaca Dorrico em sua apresentação à obra aqui resenhada, em “[...] *sonhos, vivências comunitárias, histórias e modos de vida passados de geração em geração. E*

também a partir da contemplação dos rios, dos animais, das plantas, das estrelas, do Sol, dos encantados... Em suma, de todos os seres humanos e não humanos” (2023, n.p.).

O livro, entrelaçado por contos - gênero narrativo que ressignifica mundos e memórias -, apresenta uma visão reinterpretada, construída a partir das perspectivas de ‘guerreiras’ e suas concepções sobre a formação do mundo e tudo que nele habita, parafraseando Lidiane Damaceno Krenak (2024). Predominam, assim, enredos que atravessam historicamente os povos indígenas, trazendo à tona suas histórias, saberes e ancestralidades.

Nas páginas seguintes, destaca-se o conto de Eliane Potiguara, cuja análise preliminar busca oferecer um vislumbre da obra e despertar a curiosidade em todas as pessoas leitoras. Sua força e carga emocional são inesquecíveis. Além dessa abordagem, será acrescentado o Quadro I, que reúne as singularidades da coletânea: autoras organizadas alfabeticamente, acompanhadas de suas respectivas origens e das obras que assinam nesta publicação.

Sintetizar tais informações é um ato de resistência contra o esquecimento e o apagamento histórico. Trata-se de dar visibilidade, de inscrever na memória coletiva os nomes e contribuições dessas autoras, um a um, exatamente como apresentados pelos coorganizadores.

Quadro I - Associações entre as criadoras³, suas identidades e suas criações

AUTORA	POVO	CRIAÇÃO
Auritha Tabajara	<i>tabajara</i>	“A ONÇA-PINTADA NO PESCOÇO DE KAUANY, A GUARDIÃ DOS SEGREDOS”
Bruna Karipuna	<i>karipuna</i>	“UBANI E A PIRAPEMA”
Chirley Maria Pankará	<i>pankará</i>	“NÃNA E OS POTES DE BARRO”
Eliane Potiguara	<i>omágua-kambeba</i>	“OMÁUA, A MENINA QUE MORA NO FUNDO DOS RIOS”

³A obra *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena* apresenta, de forma individual, os dados e as apresentações de cada autora destacada no ‘Quadro I’.

Glicéria Tupinambá	<i>tupinambá</i>	“A HISTÓRIA DE POXI”
Lidiane Damaceno Krenak	<i>krenak</i>	“COMO AS ÁGUAS VIERAM AO MUNDO”
Márcia Mura	<i>buhuaren-mura</i>	“URUAPEARÁ, A PIRARARA ENCANTADA, O MAPINGUARI E O PAJÉ QUE SE TORNOU COBRA GRANDE”
Naine Terena	<i>kinikinau</i>	“A HISTÓRIA DE PAKÁ”
Simone Karajá	<i>iny mahadu-karajá</i>	“INY KARAJÁ, A CRIAÇÃO”
Telma Taurepang	<i>taurepang</i>	“PAATA MAIMU”
Trudruá Dorrico	<i>macuxi</i>	“O CAÇADOR E O CURUPIRA”
Vanessa Kaingang	<i>kaingang</i>	“A HISTÓRIA DE JÛMÊ E FE HÁ (A ORIGEM DA ARAUCÁRIA E DA GRALHA-AZUL)”

Fonte: adaptado de Dorrico; Negro [orgs.] (2023).

Por meio de doze contos e (re)contos sutis e prazerosos de ler, as palavras assumem uma dimensão “antediluviana” iluminada, criando uma atmosfera única centrada nas correlações de um “eu” que não é individual. O comunitário é adjetivo e se manifesta em sujeitos femininos, cercados por sobrenaturalidades animistas que moldam o entendimento do mundo originário. Dorrico e Negro compilam “mundos” desenhados, aqui, de forma pedagógica, em uma postura contra-ocidentalista que clama por uma liberdade alcançada, neste caso, pela escrita. Nessas linhas, não se trata de uma crítica permeada por considerações pessoais de quem as escreve. Os esforços empreendidos visam apenas traduzir a essência da obra às leitoras e leitores futuros. A história, pujante, é de tal força que escapa à captura plena pelas palavras do “brasileiro”.

No conto sobre o povo *omágua-kambeba*, intitulado *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios*, escrito por Eliane Potiguara - educadora em sua definição mais ampla, ativista indígena, doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e formada em Letras, com ênfase em Português e Literatura, também pela UFRJ -, é narrada a curiosidade de Olívia, uma aluna cheia de perguntas, e de “Tia” Alzira, uma professora que, através dos sonhos, concebe o ensinamento afetivo.

Na cronografia, é apresentada uma indígena que, ao se casar com um holandês, um “forasteiro” - “*cobiçando tudo que os Omágua tinham: a casa, a história, o coração, a terra, a floresta*” (Potiguara, 2023, n.p.) - originou uma filha que falecera logo após o nascimento. Às margens do rio Amazonas, a mulher e mãe indígena, em um sonho indomável, onde suas lágrimas enlutadas irradiavam os quatro cantos do mundo com água doce e mineral, teve um contato com ela, a filha espiritual do rio Amazonas; as veias - femininas, pulsantes -, condutoras do amor que jamais cessa (Potiguara, 2023).

E a filha sussurrava:

Mãe, sou eu, a menina que corre sob os rios. Sou eu que dou a eles as cores, que controlo a temperatura da água, que forneço alimento aos peixes e que protejo os pescadores de qualquer mal. Sou eu que ilumino as águas e protejo o coração das mulheres para que não sofram e sejam fortes. Sou eu que **ACALANTO** as crianças quando sentem fome e dor. Sou eu que ajudo as mães e os bebês na hora do nascimento. Sou eu que tiro as dores do parto e dou paz à natureza. E sou também a filha e a irmã de coração que dá intuição às meninas, às jovens, às mulheres, às viúvas, às trabalhadoras e às anciãs. A todas fortaleço. Sou o coração que nelas bate e a alma que nelas cria. A guia na trajetória de uma vida. Eu sou a menina, a moça, a adulta e a anciã. Sou mulher antiga e do hoje, em ação com o todo do tempo. Eu sou o antes, o durante e o depois (Potiguara, 2023, n.p., grifo da autora).

Eliane Potiguara inaugura a sequência das obras vindouras com uma diegese tempestuosa de significados, onde tudo se entrelaça; nada é exclusivo. O trecho destacado - uma citação direta - não apenas captura, mas também revela a essência da obra aqui criticamente resenhada: tudo é força, visível e invisível, dissolvida na sabedoria dos antigos, onde o feminino, corpóreo ou etéreo, manifesta-se em sua plenitude.

Com utilizações que enriquecem o conhecimento primário da literatura indígena feminina - apresentações espaciais dos povos, glossários e uma breve biografia para cada autora - a coorganização consegue trazer, além de uma cartografia para as mulheres indígenas, dinamicidade, textura, altruísmo e cognição em obras que atravessam a temporalidade androcêntrica, marcada pela figura do homem branco e hespérico, para um ciclo cosmológico em uma grande porta às percepções de mulheres, diversidades e, por que não, feminismos através de tradições indígenas.

Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena é o amanhecer dos debates literários, onde a heroicidade das vozes originárias ressurgem, não como eco, mas como potência. Da escrita à emancipação, a palavra tece seu próprio destino - brincadeira com a eternidade, canto insubmisso. Aqui, tudo se declina em substantivos femininos.

A reflexão sobre o princípio aqui analisado origina-se do desafio proposto por Ramos (informação verbal)⁴, que incentiva leituras de mulheres sobre mulheres, conduzindo ao desenvolvimento crítico dessas perspectivas e à partilha do saber acadêmico e científico, especialmente com as comunidades locais. A busca por literaturas indígenas, realizada de maneira solitária, mas estimulada pelo apoio da orientação acadêmica, emerge de uma necessidade profunda: inserir as narrativas indígenas, contadas a partir de suas próprias vozes, nas grandes instâncias de difusão do conhecimento.

Por essa razão, ao final do percurso, reforça-se a recomendação da obra a todos que revisitam o passado e percebem as lacunas da memória brasileira. De crianças a adultos, independentemente da área do conhecimento, o texto resenhado não se destina apenas ao intelecto, mas também ao coração -convocando, sobretudo, à desconstrução daquilo que se tem como estabelecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORRICO, Trudruá; NEGRO, Mauricio (orgs.). *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

⁴ Provocação oriunda da dinâmica avaliativa proposta pela Prof.^a Gleys Ially Ramos, em 17 de fev. de 2025, na disciplina “*Mulheres, Diversidade e Feminismo*”, do curso de Relações Internacionais da UFT.



KRENAK, Lidiane Damaceno. #DicadeLeitura “*Originárias: Uma Antologia Feminina de Literatura Indígena*”. [S.l], 27 jul. 2024. Facebook: Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. Disponível em: <https://www.facebook.com/museuindiavanuire/videos/dicadeleitura-origin%C3%A1rias-uma-antologia-feminina-de-literatura-ind%C3%ADgena-com-narr/507661571724641/>. Acesso em: 23 fev. 2025.

POTIGUARA, Eliane. Omáua, a menina que mora no fundo dos rios: Conto sobre o povo omágua-kambeba. In: DORRICO, Trudruá; NEGRO, Mauricio (orgs.). *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.